

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

**ANILDA TEREZINHA XAVIER MORAES**

**MÍDIAS-EDUCAÇÃO: AS CONTRIBUIÇÕES DA MÍDIA NA  
EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA ARTICULADORA DAS  
APRENDIZAGENS NO CONTEXTO INTERDISCIPLINAR**

**Sapucaia do Sul**

**2015**

ANILDA TEREZINHA XAVIER MORAES

**MÍDIAS-EDUCAÇÃO: AS CONTRIBUIÇÕES DA MÍDIA NA  
EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA ARTICULADORA DAS  
APRENDIZAGENS NO CONTEXTO INTERDISCIPLINAR**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS

**Orientador(a):  
Ms Claudio Cesar De Musacchio**

**Sapucaia do Sul  
2015**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. José Valdeni de Lima

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos professores pela orientação, atenção, apoio e motivação para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos colegas e equipe diretiva da E.M.E.I. Mara Mattos escola pesquisada, que compreendendo a importância deste trabalho apoiaram-me para que pudesse fazer uso de pesquisa prática.

E em especial ao meu marido João Batista, por me apoiar e motivar quando passava noites em claro realizando este trabalho.

## RESUMO

Esta monografia tem como objetivo investigar o uso das mídias de áudio e vídeo nos processos de aprendizagens dentro do contexto interdisciplinar. Com a finalidade de aprimorar, avaliar, organizar e compreender a prática de sala de aula realizar uma observação crítica e detalhada tornou-se primordial que resultou na necessidade de criar uma nova metodologia de trabalho, que contemplasse os anseios de uma professora. Esta pesquisa de campo denominada de pesquisa-ação investigativa busca relatar de forma qualitativa as contribuições da mídia-educação, como âncora do trabalho realizado. Para esta pesquisa-ação foram utilizados áudios e vídeos associados a uma nova proposta pedagógica, com atividades encadeadas oriundas de histórias infantis e sustentada com aporte teórico estudado. O alvo deste trabalho é uma turma de pré, composta por vinte e três alunos da educação infantil, com idade de quatro e cinco anos, os quais estão no período de desenvolvimento do pré-operatório, caracterizado pelo aparecimento da linguagem oral e dos esquemas simbólicos. As questões norteadoras desta pesquisa-ação são: diferentes dificuldades relacionadas com a prática de sala de aula apresentadas em quatro capítulos, o qual se pode observar nos resultados preliminares a melhora substancial nas ações de reflexão e entendimento quanto às contribuições da mídia proporcionam.

**Palavras-chave:** Mídias-educação. Áudio e vídeo. Interdisciplinaridade. Aprendizagens.

## **MEDIA AND EDUCATION: THE CONTRIBUTIONS OF MEDIA IN EDUCATION AS A TOOL ARTICULATOR OF LEARNING IN INTERDISCIPLINARY CONTEXT**

### **ABSTRACT**

This paper aims to investigate the use of audio and video media in learning processes within the interdisciplinary context. In order to improve, evaluate, organize and understand the practice of classroom conduct a review and detailed observation it has become paramount that resulted in the need to create a new methodology of work, contemplating the desires of a teacher. This so-called field research investigative action research search report qualitatively the contributions of media education, as anchor of the work. For this action research were used audios and videos associated with a new pedagogical proposal, chained activities arising from children's stories and sustained with theoretical support studied. The aim of this work is a group of pre composed of twenty-three students of early childhood education, aged four and five years, which are in development period of preoperative, characterized by the emergence of oral language and symbolic schemes . The guiding questions of this action research are: different difficulties related to classroom practice presented in four chapters, which can be seen in preliminary results the substantial improvement in reflection of actions and understanding as to media contributions provide.

**Keywords:** Media education. Audio and video. Interdisciplinarity. Learning.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 01- Leitura de uma história.....	32
Imagem 02- Releitura de imagens do livro realizadas pelos alunos.....	33
Imagem 03- Desenho e pintura.....	34
Imagem 04- Manuseio da massinha de modelar.....	35
Imagem 05- Expressão oral e corporal.....	36
Imagem 06- Relatos dos alunos das atividades realizadas.....	37
Imagem 07- Visualização e apreciação: instrumento avaliativo.....	38
Imagem 08- Entrevista com o aluno D .....	48
Imagem 09- Entrevista com o aluno G.....	49
Imagem 10- Entrevista com o aluno MG.....	49
Imagem 11- Entrevista com o aluno MM.....	49
Imagem 12- Entrevista com o aluno MR.....	50
Imagem 13- Entrevista com o aluno W.....	50

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1.1 Tema e problema.....</b>	<b>09</b>
<b>1.2 Justificativa.....</b>	<b>09</b>
<b>1.3 Pressupostos.....</b>	<b>11</b>
<b>1.4 Objetivo geral.....</b>	<b>11</b>
<b>1.5 Objetivos específicos.....</b>	<b>11</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Teorias do desenvolvimento.....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 Sociedade da informação.....</b>	<b>18</b>
<b>2.3 A literatura infantil.....</b>	<b>21</b>
<b>2.4 A leitura.....</b>	<b>23</b>
<b>2.5 A Hora do Conto.....</b>	<b>25</b>
<b>2.6 Associação ao cotidiano.....</b>	<b>27</b>
<b>3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>31</b>
<b>4 ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>41</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>59</b>



# **1 INTRODUÇÃO**

## **1.1 Tema e problema**

Atentos à importância de dinamizar a Hora do Conto instiga ao professor recuperar e transformar os momentos de leitura em ações que realmente tragam às crianças o despertar e o gosto pela magia dos contos e ao mesmo tempo exorbitem seus sentimentos em aprendizagens significativas. Que as suas capacidades de retenção e informações possam ser vivenciadas de forma prazerosa com colegas e professores.

Consciente de sua responsabilidade social e a manutenção, a ampliação do cenário educativo formal e informal, cabe ao professor e a escola, a incumbência de incentivar e despertar o imaginário de sonhos, alegrias e emoções nas crianças.

Se o tema não é novo, mas é atual e complexo pela sua natureza intrínseca e extrínseca, torna-se o tema ainda mais dinâmico, quando atrelado à ideia de mudança, inovação, porque envolve posturas de vida e seres humanos. Desta forma, surge a seguinte questão: Quais são as contribuições da sociedade da informação na hora do conto e qual o papel da escola e do professor perante a sociedade?

## **1.2 Justificativa**

Uma nova concepção de escola surge diante as evoluções sociais e com ela uma preocupação sinaliza um alerta aos professores: Criar condições ambientais e sociais para que o aluno sinta-se comprometido na execução de suas aprendizagens de forma eficiente e rápida. Este conjunto contextual dentro de uma escola proporciona um crescimento harmonioso para todos.

Entretanto se faz necessário um olhar mais atento para o uso das tecnologias. Não é viável olhar a escola através do lápis e papel. Perceber que é o novo que as sobrepõem é inevitável.

Ao questionar e investigar como se apresentam as atividades em sala de aula torna-se visível a necessidades de adequarmos o que as mídias nos oferecem.

Um estudo sobre o uso das mídias nos processos de aprendizagens nas escolas de educação infantil faz-se necessário, pois estes fatores interferem no cotidiano de nossos alunos que vivenciam na escola o que já está ultrapassado com seu universo familiar, onde a família já está informatizada.

A competitividade dos recursos tecnológicos motiva o crescimento da problemática com o planejamento do professor. Este de forma tradicional está decretado ao fracasso deixando assim, o cotidiano escolar fora do contexto atual da sociedade.

Contudo o foco desta pesquisa delimita-se a conhecer as contribuições das mídias e as aprendizagens prazerosas que são oportunizadas diante o uso deste universo tecnológico

O conhecimento humano é um grande diferencial competitivo para as organizações, por isso as escolas devem estar sempre em alerta quanto à evolução e a necessidade de utilização de novos recursos facilitadores deste conhecimento.

Desenvolver habilidades e competências e principalmente valorizar o aluno contribui para manter um bom ambiente escolar e os alunos motivados. Uma parceria de sucesso que evita o fracasso escolar tão prejudicial ao indivíduo. Portanto, é necessário realizarem-se estudos acerca destas questões tão importantes que podem determinar o sucesso ou o fracasso das práticas de sala de aula.

Consideramos assim, a necessidade de propostas aplicáveis de uso das mídias no contexto escolar como recurso facilitador nos processos de aprendizagens na forma mais ampla da autonomia do aprender.

Há necessidade de cada vez mais realizar-se pesquisas que possam contribuir para conscientizar os professores que o ator principal deste contexto é o aluno e que negar-lhe o acesso aos recursos de mídias seria um adverso ao que ele vive.

Toda essa gama de estudos pode mudar concepções antigas que ainda permeiam o ambiente escolar.

A proposta desta pesquisa é de inserir de forma prática o uso das mídias no contexto escolar melhorando assim a qualidade de ensino e o sucesso individual e coletivo dos alunos. Sem descartar a praticidade no planejamento que o professor terá ao perceber as autorias das aprendizagens de seus alunos. Também a finalidade de contribuir para a elaboração de um

plano de ação, a ser apresentado para o grupo de professores e equipe diretiva onde a aplicação objetiva contribua na qualidade de ensino-aprendizagem.

### **1.3 Pressupostos**

- O uso das mídias no contexto escolar facilita as aprendizagens.
- Estimula os alunos a serem mais criativos.
- A prática pedagógica é fator determinante na formação de competências e desenvolvimento das habilidades.
- A hora do conto é uma atividade que oportuniza a criatividade, afetividade e desenvoltura na expressão oral e corporal.

### **1.4 Objetivo geral**

Investigar o uso de mídias de áudio e vídeo nos processos de aprendizagens dentro do contexto interdisciplinar.

### **1.5 Objetivos específicos**

- Oportunizar o uso da mídia no projeto pedagógico.
- Encadear as atividades: Leitura, releitura, desenho e pintura, manuseio da massinha de modelar, expressão oral e corporal, relatos das atividades realizadas, visualização, apreciação e avaliação;
- Investigar o uso da mídia como instrumento de mudanças.
- Criar espaços lúdicos para o desenvolvimento da expressão oral e corporal utilizando a produção de vídeos.

- Traçar possíveis correlações entre a mídia e as aprendizagens.
- Montar um plano de ações com sugestões do uso das mídias em escolas de educação infantil.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Teorias do desenvolvimento humano**

Sabemos que vivemos em uma sociedade de diferentes condições sociais, onde encontramos crianças privilegiadas e outras com menos privilégios.

Percebemos que a educação vai passar a ter papel preponderante na formação e construção desse sujeito.

Entender a criança em seu desenvolvimento e sua realidade é instrumento fundamental, para facilitar ao professor a prática educativa, que leve em conta toda essa gama de diferenciações abrangendo a cada criança, em sua individualidade, em modo e forma diferente de pensar.

A criança no seu ambiente escolar precisa ser diferenciada quanto ao olhar pedagógico. Precisa ser tratada como um ser que não tem as mesmas ferramentas cognitivas de um adulto.

Questionar qual o papel da família e da escola como formadores desse sujeito, sabendo que a criança vem ávida para a escola, pronta para: pensar, raciocinar e interagir nesse meio social de “conhecimento, ideologia, valores, leis e rituais quotidianos”, sendo seu conceito usado a mais genericamente para significar que diferentes grupos de pessoas têm diferentes estilos de vida.

As relações sociais são a um só tempo, diretas ou indiretas: de um lado envolve interações com um ou mais parceiros e, de outro, interações com a cultura, sobretudo na forma de concepções, ideias e crenças internalizadas por tais parceiros. As relações interpessoais que se dão na interação sócias, completam e se apoiam, conseqüentemente, no conjunto das relações vividas individualmente pelos participantes, exigindo que se leve em conta os valores culturais que se inscrevem em tais conjuntos de relações e que são valorizadas do ponto de vista emocional, intelectual e social. Desta forma, ao decorrerem por intermédios de relações interpessoais \_ valorizadas ou menosprezadas em função da cultura - as interações sociais acabam sendo valoradas da mesma forma que se valorou as relações interpessoais que se engendraram. (DAVIS et al, 1989. p.52).

Da mesma forma que a sociedade se estabelece com essas normas de conduta e relacionamentos, as escolas também apresentam padrões distintos que são transmitidos aos

novos membros deste grupo, que por sua vez, apropriando-se destes padrões na intencionalidade de se fazerem parte deste contexto, podem se adaptar ou não ao mesmo.

Uma meta principal do professor é proporcionar a esse indivíduo condições de estabelecer relações entre estes diferentes núcleos sociais e com isso, a criança vai adquirindo a consciência do seu ser (eu), protagonizando e interagindo nas diversas formas de aprendizagens.

Os fatores sociais biológicos e emocionais são predominantes nas interações desse sujeito que atuará em diferentes papéis sociais que o acompanhará ao longo de sua vida.

As teorias interacionistas vêm com sua gama de contribuições para auxiliar no conhecimento do ser humano acreditando no sujeito como forma de interação e conhecimento.

Encontraremos importantes contribuições nos grandes pesquisadores Piaget (1997), Wallon (1995) e Vygotsky (1998) interagindo e auxiliando na construção desse humano.

Diferenciar o desenvolvimento de uma criança e a de um adulto é fundamental para as aquisições e comportamentos, a escola de educação infantil precisa apropriar-se desses fundamentos teóricos para proporcionar à criança, um ambiente favorável e estimulador ao desenvolvimento da mesma.

Vygotsky em um estudo mais direcional às raízes da mente humana conduz a um entendimento de um ser mais ativo e participativo em seu desenvolvimento, contribuindo assim, para suas interações sociais.

Um ser humano ativo e transformador fazendo uma comparativa entre o ser humano pré-histórico e o ser humano informatizado confirma a tese de um ser agente e transformador diante sua evolução material e social.

A apropriação do homem pela linguagem trouxe a transformação do meio social tornando-o ativo, transformador e fazedor de sua cultura.

Nas diferenças culturais surge uma tomada de consciência de sua própria cultura, nesse caso, a criança toma posse desses elementos de forma diferente, como participante ativo. Ela aprende a pensar conforme a cultura, onde o pensamento e a linguagem foram adquiridos dentro do seu meio social.

A criança quando faz uso da imitação se apropria dessa ideia, do outro. Portanto este ser social, apropriado de conceitos e da linguagem, constitui seu modo de ver e interagir na sociedade.

Ao perceber que o homem é autor de transformação de seu meio com o uso da cultura, ele produz signos, ao qual a criança apropria-se trazendo uma nova significação para seu contexto de aculturação.

O professor como mediador de conceitos e utilizando-se da zona de desenvolvimento proximal da criança pode instigar o pensamento sobre a ação sobre objeto fazendo com que a criança repense seus conceitos, criando assim outros novos. Essa é uma das contribuições mais importantes da mediação do professor.

Ao estudarmos um pouco das contribuições de Piaget nos processos de aprendizagem com o desenvolvimento mental, percebemos a preocupação do pesquisador em estudar a trajetória da construção do conhecimento.

Constata, em seus estudos, que a criança já possui seu conhecimento através da ação utilizando-se da mesma, para assim, continuar essa construção até sua fase adulta, denominada por ele: o conhecimento lógico.

Em seu conceito da adaptação temos a assimilação e a acomodação, fatores que contribuem para o desenvolvimento do conhecimento.

Na assimilação temos os conhecimentos primários diante a ação da situação. Já na acomodação usamos outras formas para adequar a ação.

Nos estágios do desenvolvimento humano aparecem novas estruturas cognitivas, afetivas e morais.

Para o autor o significado da palavra estágio estava diretamente relacionado a um desenvolvimento cognitivo, que sofre mudanças com o passar do tempo, caracterizando assim a evolução destes diferentes estágios.

O primeiro estágio chama-se: Sensório - motor, que se inicia ao nascimento e segue ao longo dos dois primeiros anos de vida da criança. A característica principal deste estágio é uma inteligência prática centrada na percepção e no movimento motor em relação com objeto. A criança utiliza-se de seus esquemas sensório motores para solucionar problemas imediatos como: Pegar, arremessar ou chutar uma bola.

Piaget (1997) nos relata que na evolução mental da criança não existe nenhuma diferenciação entre seu eu e o mundo exterior. É um processo fragmentado, subdividido. O egocentrismo vai se modificando de acordo com as experiências vivenciadas pela criança diante o objeto e seu mundo interior relacionando-se com seu corpo em direção ao mundo exterior.

Neste estágio a criança está trabalhando com a construção de seu eu e percebendo a diferenciação dos objetos e do outro. Neste processo ela vai construindo e organizando noções sobre a realidade através da consciência da permanência do objeto.

O segundo estágio citado pelo autor é o estágio pré-operatório que regularmente inicia-se aos dois anos estendendo-se até os seis anos aproximadamente, lembrando que mesmo o autor utiliza estas idades apenas como uma média dependendo do desenvolvimento de cada indivíduo.

A maior característica deste período é o aparecimento da linguagem oral, onde o indivíduo utiliza-se dos esquemas sensoriais e motores do período anterior para formalizar seus esquemas simbólicos. Neste período o raciocínio é marcado pelo egocentrismo o que fará uma mistura entre a realidade e a fantasia.

Nesta visão egocêntrica a criança possui uma lógica do particular o que a levará a uma visão distorcida da realidade. O egocentrismo aparece também nas questões sociais, onde a disponibilidade da criança está diferenciada do adulto. Um exemplo claro: Uma criança não entenderá que a mãe está cansada, e por isso, o passeio ficará para mais tarde, visto que a criança está disposta para o passeio neste momento.

O pensamento pré-operatório depende da percepção imediata da criança que com isso estará sujeita a erros. A linguagem neste período é fundamental para que a criança possa estabelecer coerência entre o que é real e o produto de sua imaginação.

O terceiro estágio citado pelo autor é o estágio operatório concreto que vai dos seis anos de idade á onze anos. Este estágio é conhecido pelas operações concretas realizadas pela criança.

Muito marcante ao ingressar no período da escolarização formal, também marca o declínio do egocentrismo:

É nesta etapa que o pensamento lógico, objetivo, adquire preponderância. As noções interiorizadas vão se tornando mais reversíveis e, portanto, moveis e flexíveis. O pensamento torna-se menos egocêntrico, menos centrado no sujeito. Agora a criança é capaz de construir um conhecimento mais compatível com o mundo que a rodeia. O real e o fantástico não mais iram misturar-se em sua percepção. Além disso, o pensamento dominante é operatório porque ele é reversível: O sujeito pode retornar, mentalmente, ao ponto de partida. (DAVIS et al, 1989).

Nesse estágio, a criança é capaz de realizar classificações em objetos observando cor, forma e tamanho. Por isso o trabalho do desenvolvimento do raciocínio lógico matemático deve estar diretamente ligado ao uso do material concreto.



O quarto estágio conhecido como operatório formal apresenta características de elaboração e construção de conceitos bem próximos a de que um adulto é capaz. Isto ocorre por volta dos 12 anos de idade, onde ocorre o distanciamento das operações concretas.

Neste momento o objeto é substituído por hipóteses e deduções criando o pensamento formal. Desta maneira a criança começa a realizar suas operações utilizando a imaginação e o pensamento formal. No âmbito social a vida em grupo assume um aspecto significativo diante das ações coletivas, onde a solidariedade, a amizade, os juízos de valores e os juízos morais se apresentam nessas relações.

As contribuições decorrentes dos estudos de Piaget em relação ao desenvolvimento infantil nos auxiliam a compreender o desenvolvimento psicomotor de determinadas faixas etárias.

Com Wallon (1995), podemos conceber que a criança é um ser de interação, buscando na consciência biológica as questões de comportamento social. Uma interação entre o desenvolvimento motor, afetivo e cognitivo formando assim um ser concreto.

A criança, de acordo com o autor, utiliza-se desses recursos para justificar sua ação entre o meio a qual está inserida. Manifesta sentimentos e sente o sentimento dos outros nas inter-relações.

Considera a criança como um ser em processo de interação, troca, experimentação em busca com o objeto, apresentando-se assim, em sua totalidade naquele momento.

A interação com a mídia pode ser explicada diante o momento em que a criança e a informatização estão apostas. Perceber as semelhanças nas diferenças e as diferenças nas semelhanças faz com que a criança tenha uma consciência de si e do outro. Um ser integral e dinâmico.

Buscando a correspondência na ação do outro e a sua percebe as diferenciações dos papéis na interação social. Eu ajo assim e o outro doutra forma o que lhe dá consciência de seu papel diante o papel do outro.

Dependendo da situação a criança vai manifestar o comportamento diferencial, motor ou afetivo ou cognitivo. Cada momento em que a criança vai se construindo vai necessitar de muito mais da interação do outro, para que se torne mais complexa e mais autônoma.

## 2. 2 Sociedade da informação

Considerando a velocidade na qual as informações chegam ao nosso dia a dia, seria um retrocesso pensar na prática de sala de aula nos moldes de uma educação tradicional.

Usar e abusar das tecnologias que estão no cotidiano de cada um: é dever da escola explorar as possibilidades que a tecnologia nos oferece.

Segundo Alarcão (2010), vivemos atualmente numa sociedade complexa, cheia de pontos contraditórios, afundada por canais e grande abundância de informação numa oferta de “sirva-se quem necessitar e do que precisar” e faça de mim o que quiser”. O Cidadão comum dificilmente consegue manipular com a avalanche de novas informações que o mergulham e que se entrecruzam com novos pensamentos e questões, novas chances, desafios e riscos. Chamaram-lhe de era da informação, e também da comunicação. No momento em que vivemos, as mídias adquiriram um poder incomum e a sua influência têm muitas faces, podendo ser dirigida para o bem ou para o mal.

Segundo Sibilia (2008) em menos de uma década, os computadores interconectados por meio das redes digitais de abrangência global se converteram em inesperados meios de comunicação. Para a autora, nas últimas décadas, a sociedade ocidental tem passado por um turbulento processo de transformações, que engloba todos os âmbitos e leva até a insinuar uma verdadeira quebra em direção a um novo horizonte. Não se trata apenas da internet e seus universos virtuais para a interação multimídia. São muitos os indícios de que estamos vivenciando uma época limítrofe, um corte na história; uma passagem de certo “regime de poder” para outro projeto político, sociocultural e econômico.

Já Jenkins (2008), acredita que nossas vidas, relacionamentos, memórias, fantasias e desejos também fluem pelos canais de mídia, o que nos leva a pensar que os meios de comunicação, além de transmissores de informação, induz o pensamento e a sensibilidade dos indivíduos, confirmando assim, com o surgimento de novos ambientes socioculturais.

Para Rigo (2013), a esse panorama de melhorias tecnológicas podem somar-se as possibilidades de mobilidade, que mudam o contexto de uso do computador pessoal, possibilitando que os computadores móveis possam ser usados em lugares diferentes e adequados aos usuários, e não apenas em determinado local específico. Atualmente os computadores e outros dispositivos com capacidades diferentes estão disponíveis a um público gigante e ao mesmo tempo extremamente diverso, tanto nos seus saberes técnicos como nas suas demandas para com esses recursos de sistemas de informática, ou seja, agora

os recursos de informática deixarão de ser acessados por um grupo reduzido de pessoas com perfil alto de sabedoria técnica e estão disponíveis para as mais diversas idades.

De acordo com Lévy (1999), o mesmo afirma que as realidades virtuais compartilhadas, que podem fazer comunicar milhares ou mesmo milhões de pessoas, devem ser pensadas como dispositivos de comunicação “todos - todos”, típicos da cibe cultura, que ele proclama como sendo o conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e de valores que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço, que para o autor é o novo meio de comunicação que aparece da interconexão mundial dos computadores, que ele chama de “rede”.

Segundo Arantes (2005), relata que a arte em mídias digitais é hoje incluída em festivais de arte, bienais e exposições, fazendo parte de textos de pensadores nacionais e do exterior e adquirindo as mais diversificadas nomeações, tais como cibe arte, tecnoarte, arte eletrônica, arte informática, arte numérica, arte em novas mídias, parecendo ter mesmo encontrado um lugar de destaque no cenário artístico contemporâneo. Com o cinema, o rádio, o jornal e a televisão, a cultura de massas achou os sustentáculos ideais para sua estabilização. Ao mesmo tempo, o aparecimento de novas tecnologias (como por exemplo, o desenvolvimento do chip por Robert Noyce, Jean Hoerni, Jack Kilby e Kurt Lehovec em 1958-59) e grandes descobertas no campo da ciência (como a do DNA, por James Watson e Francis Crickem, (1953) abriu novas possibilidades para o pensamento artístico, que já mergulhava na total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico, não dando razão a toda estruturação racional iluminista do pensamento acerca da realidade conforme, Liesen (2005).

Para Santaella (2003) apud Liesen (2005) acredita que [...] todas as mídias conseguem ser traduzidas, manipuladas, armazenadas, reproduzidas e distribuídas digitalmente formando o fenômeno que vem sendo chamado de convergência das mídias. Fenômeno ainda mais impressionante aparece da explosão do processo de distribuição e difusão da informação alavancada pela ligação da informática com as telecomunicações que resultou nas redes de transmissão, acesso e troca de informações que hoje conectam todo o globo na constituição de novos modelos de socialização e de cultura que vem sendo chamada de cultura digital ou cibe cultura.

Sobre esse prisma, para Lévy (1996) indica para a ocorrência de *que "nunca antes as mudanças das técnicas, da economia e dos costumes foram tão rápidas e desestabilizantes"*, pois o momento é caracterizado pela rapidez das transformações, visto que mal ocorre a acomodação a uma transformação, já aparece outra criando desestabilização.

Para Castells (1996), nesse contexto, na última década do século XX, vimos ao aparecimento e à expansão acelerada de desiguais tecnologias da informação e da comunicação, as quais alcançaram também a população leiga de todo o mundo, uma vez que nossas sociedades estão principalmente recheadas por redes de fluxos intercambiados, por meio de redes de organizações e instituições que se constituem enquanto sustentáculo material para a ação das atividades processadas através do sistema social.

Conforme evidencia Kumar (1997), o saber e a informação, que antes figuravam entre os recursos mais públicos e mais disponíveis na sociedade, tornaram-se agora privatizados, isto é foram transformados em mercadorias, expropriados para venda e lucro, o que só serve para corroborar a necessidade de uma educação que traga os elementos indispensáveis, tanto para a compreensão dos atuais mecanismos da informação, quanto para a capacidade de agir criticamente sobre estes.

Para Moran et al (2000), afirmando com muita certeza que “se ensinar dependesse só de tecnologias, já teríamos encontrado soluções há muito tempo”. Não se trata aqui de minimizar sua relevância, e sim de compreender que “ensinar e aprender” são desafios que enfrentamos em todos os tempos, em especial neste novo modelo de gestão que prioriza a informação e o conhecimento”.

Segundo Carrier (2000), um exame da questão das tecnologias as aborda enquanto potencializadoras do conhecimento, e o seu papel é de viabilizar a entrada neste mundo mágico da cultura de modo diverso, novo e provocador, desde que organizadas criticamente no projeto pedagógico da escola e do programa do professor. Dessa maneira, a escola muda o seu papel de educar os futuros cidadãos, através “*duma reflexão analítica sobre a produção e a gestão da informação no mundo*”. Ainda o mesmo autor deixa mais forte que nesse caso, o uso das novas tecnologias, de forma crítica e consciente, pode ajudar muito para a mudança da relação professor- aluno e da dinâmica da sala de aula, na medida em que permite:

- O desenvolvimento de uma competência de trabalho com o sentido de autonomia, já que os alunos podem dispor, desde muito novos, de uma enorme variedade de ferramentas de investigação.

- Uma prática de análise e de reflexão, confrontação, verificação, organização, seleção e estruturação, já que as informações não estão apenas disponibilizadas em uma única fonte. As inúmeras informações disponíveis não terão significado se o usuário não for capaz de verificar, confrontar e selecioná-las.

- A abertura ao mundo e a disponibilidade para conhecer e compreender outras culturas. É nesta direção que se compreende o uso das tecnologias na educação, pois:

Se é verdade que nenhuma tecnologia poderá jamais transformar a realidade do sistema educativo, as tecnologias de informação e comunicação trazem dentro de si uma nova possibilidade: a de poder confiar realmente a todos os alunos a responsabilidade das suas aprendizagens. (CARRIER, 2000).

Conforme Lévy (1995), novos jeitos de pensar e de conviver estão sendo montadas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho e a própria inteligência precisam, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagens são capturados por uma informática cada vez mais avançada. Não se pode mais conceber a pesquisa científica sem uma aparelhagem complexa que redistribui as antigas divisões entre experiência e teoria. Emerge, neste final do século XX, um conhecimento por simulação que os epistemologistas ainda não criaram.

Para Neiva (1996), são enormes os benefícios da utilização das novas tecnologias, o ciberespaço além de proporcionar os intercâmbios de informações, cria um novo modelo de relação entre máquina e homem. “O que passa a predominar não é mais o desenvolvimento dos objetos, mas a sua substituição por mensagens que circulam, com grande poder, pelas redes sociais”.

### **2.3 A literatura infantil**

Descobrir, explorar, aprender... E criar novos mundos, novas realidades – o céu não é o limite para aquele que lê!

Embora tenhamos informações em excesso a cada vez que “surfamos” no mundo virtual, a literatura apresenta a crianças, jovens e adultos um horizonte infinito em histórias, romances, poemas, contos, e muito mais.

Mas, o que é mesmo literatura? A palavra *literatura* vem do latim “*litteris*” que significa “letra”, que também quer dizer “escritos, cartas” e parece referir-se, primordialmente, à palavra escrita ou impressa. Em latim, *literatura* significa uma instrução ou um conjunto de saberes ou habilidades de escrever e ler bem e se relaciona com as artes da gramática, da retórica e da poética. Segundo o crítico e historiador literário José Veríssimo, várias são as acepções do termo literatura: Conjunto da produção intelectual humana escrita; conjunto de obras literárias; conjunto das obras sobre um dado assunto, ao que chamamos bibliografia de um assunto ou matéria; boas letras; e uma variedade de Arte, a arte literária.

De acordo com Silva (1990, p.12), história é um objeto da imaginação da criança e deve ser verificada de acordo com sua estrutura cerebral. Para o mesmo autor ainda relata que, a história é um importante nutriente da imaginação. Dá a liberdade à auto identificação, favorecendo a aceitação de situações ruins, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Favorece a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida.

Para Silva (1990, p.10), a história faz todos sorrirem, a aula passa a ser uma divertida brincadeira e os adultos voltam a ser criança. Ocorre uma vibração recíproca de sensibilidade, a ponto de desmanchar-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e envolve. Ainda Silva (1990, p. 10), relata que, a ação se desenvolve e nós participantes dela, ficando magicamente enlaçados com os personagens, mas sem perder o rumo crítico, que é estimulado pelo enredo. Por isso vai mais um segredo: O narrador deve estar consciente de que importante é a história, ele apenas conta o que houve, emprestando vivacidade à narrativa, cuidando de escolher bem o texto, e variando-o na linguagem oral, sem as limitações expostas pela escrita. A história é que indica o melhor recurso de apresentação, sugere inclusive as interferências feitas por quem narra. A história aquieta, serena, chama a atenção, informa, socializa e educa. O compromisso de quem conta a história, enquanto frente de satisfação de necessidades básicas da criança. Se ela ouve desde pequeno, provavelmente gostará de livros, vindo a adquirir nela (a história) como aquela que lhe era contado. Por isso a história é um importante nutriente da imaginação.

Ainda de acordo com Bettelheim (1980), para que uma história verdadeiramente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para afortunar sua vida, deve estimular-lhe a imaginação, ajudá-la a criar seu intelecto e a tornar nítidas suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades; e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para as dificuldades que a perturbam. Finalizando, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos da personalidade da criança e isso sem jamais menosprezá-la, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e simultaneamente promover a confiança nela mesma e no seu futuro.

Para Abramovich (1993), ouvir histórias é muito importante na formação de qualquer criança, é o início da aprendizagem para ser um leitor e, tornar-se um leitor é iniciar a compreender e interpretar o mundo. Por isso precisamos “[...] ler histórias para as crianças, sempre, sempre...” O mesmo autor ainda relata, como é essencial para a formação de qualquer criança ouvir histórias...escutá-las é o começo da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter uma estrada absolutamente sem fim de descobertas e de compreensão do mundo. Ouvir e

ler histórias é também desenvolver todo o potencial crítico da criança. É poder refletir, duvidar, se perguntar, questiona, se sentir inquieto, cutucado, querendo saber mais e melhor ou notando que se pode mudar de pensamento... É saber criticar o que foi lido ou executado e o que significou... É ter vontade de reler ou deixar de lado de vez. É ficar fissurado querendo escutar de novo mil vezes. É formar pensamento próprio, é ir montando os próprios conceitos.

## 2.4 Leitura

Pesquisas do mundo todo mostram que a criança que lê e tem contato com a literatura desde cedo, principalmente se for com o acompanhamento dos pais, é beneficiada em diversos sentidos: ela aprende melhor, pronuncia melhor as palavras e se comunica melhor de forma geral. "Por meio da leitura, a criança desenvolve a criatividade, a imaginação e adquire cultura, conhecimentos e valores", diz Márcia Tim, professora de literatura do Colégio Augusto Laranja, de São Paulo (SP).

A leitura frequente ajuda a criar familiaridade com o mundo da escrita. A proximidade com o mundo da escrita, por sua vez, facilita a alfabetização e ajuda em todas as disciplinas, já que o principal suporte para o aprendizado na escola é o livro didático. Ler também é importante porque ajuda a fixar a grafia correta das palavras.

Sobretudo desenvolve o imaginário, onde a criança se insere na história no ato da leitura ou da história contada.

Conforme Sandroni; Machado (1991), se a leitura deve ser hábito, deve ser também nascente de alegria, e jamais uma atividade obrigatória cercada de ameaças e castigos e vista como uma imposição do mundo adulto. Para se ler é preciso gostar de ler.

Para Bamberger (1988), é de suma importância envolver a criança e o adulto que a cercam pois, o número de crianças leitoras é duas vezes maior que a dos adultos.

Segundo Azevedo (2004), poucos têm a prerrogativa de ter contato com adultos conhecedores da literatura.

Ainda conforme Colomer, (2002), além disso, deseja transformar o discente em um leitor crítico e não apenas um decifrador de códigos linguísticos, já que para realizar uma leitura de qualidade é insuficiente conhecer o alfabeto e as suas combinações, é preciso ter a capacidade de "ler e entender um texto". É por meio da leitura prazerosa que as crianças conseguem ter um maior entendimento e podem conseqüentemente criar.

Para Machado (1999), o livro um material bem recente na história dos seres humanos, mas muito antes do livro, já existia a palavra. A linguagem adequada ao relato, como lembra Steven Pinker, professor de Harvard, especialista em estudo do cérebro e ciência cognitiva, Pinker chegou à conclusão de que a espécie humana tem o instinto da linguagem, e biologicamente programado para a linguagem narrativa, para ir tirando de si fios de história que contém o que aconteceu a quem, por que e depois, e como, e onde, e pra quê, e enquanto isso. Assim como uma aranha é programada para tirar de si fios da teia com que conseguirá os alimentos que lhe sustentarão a vida e preservarão o futuro de sua espécie. Ainda assim o mesmo autor relata que a leitura, assim como a literatura existiu anteriormente ao livro. Por isso, quando hoje em dia de vez em quando se houve dizer que nova tecnologia ameaça o livro, não chego a me preocupar.

Conforme Eco (1998), para recordar que, a esse respeito, não é integrado, também não é apocalíptico, pode ser que o livro se transforme, pode ser que o livro até termine, embora tenha as minhas questões. O sustentáculo daquilo que se vem moldado através da história. Mas resiste a linguagem, com seu volume narrativo e condutor da reflexão. E sobrevive a leitura da literatura que essa linguagem desenvolve.

Para Machado (1999), o percurso pela internet, pode trazer uma chance espetacular e impar de pluralidade de informações, dificilmente parecidas numa pesquisa normal em livros. Mas vale a pena recordar que, nesse caso, algo também se prejudica em nome da rapidez e extensão deixa-se de ganhar os critérios de seleção e não se sabe até que momento as fontes são integras e seguras. Seguindo essas transformações do livro, a leitura também veio se transformando. Parou de ser feita com os ouvidos e passou a ser com os olhos. Mas os historiadores nos relatam que nem sempre foi como é atualmente. Antes do século VII poucos liam quietos. Em tempos de raros livros, longos dias de trabalhos e iluminação artificial precária, alguém era posto para ler junto à vela ou lamparina e ler em voz alta para que os outros, também compartilhassem da leitura ao mesmo momento.

Conforme Coelho (2000), nenhuma contação, por melhor que seja, pode ficar no lugar da leitura literária.

## **2.5 “A Hora do Conto”**

Esta denominação de “Hora do Conto” foi criada para elucidar o momento



relacionado à leitura de histórias oriundas da literatura infantil. Neste os alunos organizam-se em círculo ou em pequenos grupos.

Considerado um dos momentos mais produtivos das práticas pedagógicas, a hora do conto é um momento mágico para a criança, principalmente os pequenos.

Com olhos bem atentos e sua imaginação florindo fazem desse momento algo maravilhoso e quase que indescritível.

Conforme Silva (1990, p.09), como toda e qualquer profissão ou ofício, a de contar história também tem segredos e técnicas. Sendo uma arte que lida com matéria prima especialíssima, a palavra, prerrogativas dos seres humanos depende, naturalmente, de certa tendência inata, mas pode ser criada, cultivada, desde que se goste de crianças e se reconheça a importância da história para as mesmas. Se a ficcionalidade “é uma disposição humana comum, cuja pesquisa, por isso mesmo, não pode ser exclusividade dos estudos literários”, o papel daquele que labuta com a literatura especificamente – professor, contador de histórias, ator etc., é mostrar o caráter artístico do seu texto.

Para Chaves (1963), todos gostam de uma boa história, mas pouca gente sabe o valor real dela. Muitos que a usam para diferentes fins, como entreter, despertar a atenção ou descansar a mente, não sabem que, mesmo quando usada com estes objetivos em vista, a história é um objeto poderoso na criação do caráter daqueles que a ouvem. Podemos corroborar que o valor real da história é ser aparelho educativo e deste ponto de vista, atende às necessidades das pessoas em todos os seus sentidos.

Para Coelho (2000), a hora do conto “tem uma missão fundamental a realizar nesta sociedade que precisa se transformar: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo, seja no diálogo leitor/texto”.

Para Sisto (2001), a grande dica para ser um bom narrador de contos é ler bastante; os livros, as placas, os gestos, as pessoas, a vida em tudo. E não ter pressa: o contador de histórias tem que ter paixão pela palavra falada e contar a história pelo prazer de dizer (que é muito diferente de ler uma história, que também é bastante diferente de explicar uma história!). Se escolher um conto fora do âmbito da lusofonia, pesquise uma boa tradução e corra das simplificações. Escolha os textos ricos em imagens, mas que também dê um intervalo para a imaginação do público. Reconhecer a natureza do público é muito importante, mas de forma geral, sintetiza alguns elementos nos textos que podem auxiliar o contador em formação. “Para escolher bem o texto”

\_ Paixão;

\_ Conflitos instigantes;

- \_ Personagens bem definidos;
- \_ Estrutura narrativa bem estruturada;
- \_ Linguagem bem construída;
- \_ Duração de 5 a 10 minutos;
- \_ Apresentar possibilidades de interpretação nas entrelinhas (não ser muito simples);
- \_ Possibilitar a passagem da modalidade escrita para a oral;
- \_ Não ser óbvio, nem didático, nem moralista, nem doutrinário, nem preconceituoso (sem a preocupação de passar uma mensagem para o ouvinte);
- \_ Ser capaz de enlaçar o ouvinte e fazer nascer o desejo de novas leituras;
- \_ Ser capaz de suscitar prazer provocar arrepios, levar à percepção de novas coisas, ampliar a imaginação etc.

Para o mesmo autor, a assimilação em cada criança é diferente porque não existem pessoas iguais a partir da visão de mundo. Por isso mesmo o texto de literatura infantil e a Hora do Conto influenciam diversamente no processo intelectual, afetivo, social de cada educando. Apesar das diversas reações de cada um, ouvir e ler histórias infantis influenciará na formação de uma criança e sem questionamento despertará um leitor.

De acordo com Cheola (2006), há centenas de anos, ainda quando a vida surgia no planeta, o Homem já narrava. Primeiro, falava de seu dia a dia: seus costumes e seus revezes. Logo após, em determinado momento, sentiu vontade de dar conta de acontecimentos que fugiam a seu entendimento racional. Necessitava achar explicações tanto para fenômenos da natureza quanto para o fato de ser quem era e estar onde se encontrava. Assim concebeu então, um conto maravilhoso que, com seus elementos mágicos, explicava o que a razão desconhecia. Da oralidade à escrita as histórias caminharam e ficam, carregadas pelas palavras, magia e poeticidade, nos mostrando um mundo de onde surge o conhecimento da alma e do sentir.

Mas o costume foi se deixando de lado com a modernização, principalmente nos grandes centros urbanos. Nem todas as famílias mantiveram a tradição. Muitos pais da atual geração cresceram sem escutar histórias, por isso convém questionar: será possível que as pessoas se interessem em ouvir histórias lidas ou contadas ainda hoje?

Ainda o mesmo autor, relata que, bem executadas as suas funções, em todos os seus sentidos essas narrativas podem proporcionar o seu fascínio tanto na mente das crianças quanto dos adultos, concorrendo assim com os meios de comunicação mais modernos e aperfeiçoados.

Já Busatto (2003), relata que, conta histórias para criar leitores; para fazer da

variedade cultural um fato; dar valor as etnias; continuar a História em pé; para se sentir vivo; para alegrar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; sensibilizar o coração; nutrir o espírito; resgatar significados para a nossa existência e reativar o sagrado.

Conforme Ferronato (1986), depois de verificar a importância do ato de ler, de criar leitores antes de escritores, de constatar que crianças-leitoras se destacam das antileitoras pelo senso crítico apurado, pela criatividade, pela habilidade de expressão, pelo espírito de iniciativa, pela desinibição em colocar seus pensamentos pelo aproveitamento conquistado nas demais disciplinas, encontrou-se através da Hora do Conto, o caminho para suscitar na criança o agrado pela leitura.

Ainda de acordo com Ferronato (1986), para atingir a meta de ler por prazer é importante que a criança (de 1<sup>a</sup> à 4<sup>a</sup> série), tenha no mínimo uma hora semanal destinada ao contato próximo e direto com os livros. Esta atividade deve ser trabalhada por um professor específico, que deslocará as crianças até a biblioteca infantil, ou sala de literatura infantil, a fim de lá desenvolver a Hora do Conto.

Deve criar-se um ambiente adequado, para a criança sentir-se descontraída e à vontade. Uma boa ideia é um grande tapete forrado de almofadas, onde a criança procurará sua acomodação confortável. Feita essa providência a criança estará apta a deliciar-se com as histórias e o professor-bibliotecário usará as estratégias que lhe convier para valorizar o livro e o texto.

É de suma importância que ele esteja condicionado para este momento. O domínio do conto a ser narrado deve ser sem defeitos para captar a total atenção do ouvinte.

Quem conta tem que criar o clima de envolvimento, de encanto. Saber dar as paradas, o tempo para o imaginário de cada criança desenvolver seu cenário, observar os seus monstros, criar os seus dragões, entrar pela sua floresta, vestir a princesa com a roupa que está criando, pensar na cara do rei e tantas coisas.

## **2. 6 Associação ao cotidiano escolar**

“QUEM CONTA UM CONTO GANHA UM PONTO” essa é a expressão mais coerente para justificar a importância da hora do conto nas escolas.

Escolher a história adequada à situação que o professor deseja intervir de forma

lúdica no âmbito comportamental ou na formação de valores morais e éticos é imprescindível.

Para Meserani (1995), o modelo oficial de ensino, ou o que chamamos simplesmente de escola, é uma instituição de ensino, ditada por leis estatais, que “fala” uma linguagem: a linguagem verbal em sua modalidade escrita. Ainda que brevemente, convém recordar que a matriz histórica atual do ensino oficial, a escola que aparece na Grécia do século V ac. foi precedida por um desenvolvimento educacional que não usava escrita, a chamada educação homérica dos nobres guerreiros. Nessa educação, que procurava uma formação integral do ser humano dentro de um padrão idealizador, usavam-se a linguagem verbal, em sua modalidade oral, e a linguagem corporal.

De acordo com Goulart (1999) a escola tem uma função bastante própria, o desempenhar, o de formadora de cidadãos, enquanto indivíduos, no desenvolvimento de sua personalidade e como pessoa, possibilitando sua inserção na cultura e no mundo da labuta. Esta ainda relata que a escola é por sua vez, ainda o lugar de trabalho sistematizando os conhecimentos feitos pela humanidade. Isto significa, hoje, trabalhar com e através da lógica das formas do pensamento vinda da tecnologia, da informática e da cultura contemporânea e criar conhecimentos com significação lógica e psicológica, articulação com a realidade e contextualização. Atualmente a educação tem o papel de habilitar as pessoas para remover continuamente a sua compreensão de um mundo em transformação.

Já para Fontana (1996), a mediação do adulto ocorre espontaneamente no desenvolvimento da utilização da linguagem, no contexto das situações imediatas e nas interações escolarizadas, que têm uma orientação deliberada e nítida no sentido da apropriação de conhecimentos sistematizados pelas crianças, as condições de fabricação do processo de elaboração conceitual transformam-se sobre vários aspectos.

Para Almeida (2007), nota-se que “a escola é um local destacado (mas não único) para a aprendizagem e uso crítico da tecnologia”. Todavia, além de usar a tecnologia, a escola pode dar também significado aos artefatos tecnológicos, uma vez que este é um excelente espaço para o desenvolvimento do senso ético, sendo a tecnologia uma interventora para esta formação, pois a integração tecnológica ao processo de ensino não é por si só garantia de eficácia pedagógica, pois esta tem de ser criada. O que se aguarda da escola é que ela seja contemporânea da sociedade e que possibilite atividades humanizadoras, pois é “o ambiente da vivência respeitosa e admirativa da cultura que nos veio antes” e deve ser “um repositório orgulhoso e crítico das tantas conquistas da humanidade”. Na escola, é necessário ter sempre em mente que o desenvolvimento do prazer pela literatura faz parte dos projetos educativos a serem criados em sala de aula, mas que literatura não se ensina. O que cabe à escola é abrir

oportunidades para que o aluno aprenda a gostar de ler e que ele queira ler. A função é mais artística do que funcional.

Segundo Abramovich (1984), a literatura como experiência ainda humana estética, que não apenas oferece prazer, mas que também refaz a vida em vários degraus de intensidade e dimensão de valores; literatura como objeto de estudo ou de curiosidade intelectual de faixa de público a que se destina e que não deva ser imposta.

Segundo Moran et al (2000), realça que o papel principal do professor é auxiliar o aluno a interpretar as questões da realidade e do conhecimento, relacionando-os e contextualizando-os de forma reflexiva.

Para Masetto (2000), nessa ótica, ao se apropriar da tecnologia da informática no seu fazer pedagógico o professor carrega uma postura de pesquisador, vislumbrando maneiras de orientar e mediar os processos de ensino e de aprendizagem. O autor expressa os sentidos atribuídos ao papel do professor *orientador/mediador* de quatro maneiras distintas:

- “Orientador/mediador intelectual”: Ajudando na seleção dos dados pertinentes e auxiliando para que elas tenham entendimento para os alunos, objetivando que estes as contextualizem através da compreensão, avaliação, reelaboração e adaptação.

- “Orientador/mediador/emocional”: Incentivando, motivando, estimulando e organizando os marcos, com equilíbrio, credibilidade, autenticidade e empatia.

- “Orientador/mediador/gerencial e comunicacional”: Tem o trabalho de organizar, seja o que se dita ao gerenciamento das atividades propostas, seja o processo das diversas maneiras de comunicação e de interação.

- “Orientador/ético”: Ensina a se responsabilizar e vivenciar valores construtivos, individual e socialmente, reforça na construção “sensorial-intelectual-emocional-ético” dos estudantes que consolidam modelos de atitudes, valores e ideias. Essa transformação de atitude não é fácil. Sair desse lugar, entrar em diálogo direto com os alunos, correr a possibilidade de ouvir uma pergunta para a qual não tenhamos resposta – tudo isto cria no professorado um mal estar e uma grande insegurança.

Para Grandi et al (1987), o professor que presta contas por introduzir o aluno no universo da literatura deve pensar o duplo aspecto de sua natureza: a literatura como vivência humana estética, que não apenas dá alegria, mas que também recria a vida em vários degraus de intensidade e dimensão de valores; literatura como objeto de estudo ou de curiosidade intelectual de faixa de público a que se destina e que não deva ser imposta.

Segundo a mesma autora, a eficácia da hora do conto, são dois aspectos que nunca se separam, mas há sempre o perigo de o primeiro deles ser desviado ou não apreendido. A

literatura não pode mais ser pensada como um conjunto de personagens em situação, envolvendo enredo, trama, tempo, espaço, etc., objeto decorativo na vida e na cultura.

Conforme Perrenoud (2000), uma tradição tecnológica de sustentáculo também é importante para pensar as relações entre a evolução dos instrumentos (informática e hipermídia), as competências intelectuais e a relação com o saber que a escola decide formar. Pelo menos sob esse prisma, as tecnologias novas não poderiam ser indiferentes a nenhum professor, por modificarem os jeitos de viver, de se divertir, de se informar, de trabalhar e refletir. Tal crescimento abala, portanto, as situações que os alunos passam e enfrentarão, nas quais eles pretensamente mobilizam e mobilizarão o que aprenderam na instituição escolar.

### 3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia utilizada teve embasamento teórico de vários autores que sustentam a importância da pesquisa, como fonte norteadora do conhecimento da situação; da causa x efeito e da necessidade de mudanças emergentes. Para Robbins (2005), o propósito da pesquisa é “ajudar na busca da verdade“, embora nunca se chegue à verdade absoluta. A pesquisa no campo organizacional visa buscar o conhecimento de como cada pessoa se comporta dentro de cada contexto organizacional. Para Robbins, essa busca pelo conhecimento auxilia o pesquisador, pois pode corroborar, refutar ou sugerir novas teorias no campo pesquisado.

A elaboração da pesquisa teve a finalidade conhecer a importância do uso das mídias como recurso de sala de aula em uma escola de educação infantil.

A estratégia de pesquisa utilizada para alcançar os objetivos propostos foi o estudo de caso. Segundo Isenhardt (1989), o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que foca o entendimento da dinâmica, presente dentro de cenários particulares. Pode ser usado para atingir vários objetivos, para dar uma descrição, para testar uma teoria, ou para gerar uma teoria.

O universo desta pesquisa foi uma turma de maternal com 23 alunos de uma escola onde atuo como professora titular no município de Sapucaia do Sul, RS.

Para Lakatos e Marconi (2001) pesquisa é um “procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”.

O estudo de caso pode-se definir para o autor Jung (2003) “como sendo um procedimento de pesquisa que investiga um fenômeno dentro do contexto local, real e especialmente quando os limites entre fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

A abordagem utilizada foi uma pesquisa qualitativa com instrumentalização de amostragens. A intervenção tornou-se o objeto da pesquisa, pois diante da ação é que surgiram os resultados.

Muitas vezes é no fazer, que percebemos a necessidade de adequação entre a utilização do recurso e os objetivos alcançados.

E para o autor Jung (2003) a pesquisa qualitativa é descrita como sendo:

[...] aqueles formulados a partir de descrições intuitivas do pesquisador ou indivíduo pesquisado. Este modelo tem por finalidade a representação dos objetos ou indivíduos e as relações associadas para a formulação de um modelo interativo. (JUNG, 2003)

Para esta pesquisa-ação investigativa foram escolhidas duas temáticas: a primeira, uma história da literatura infantil escrita pela autora Meirelles (2001) com o título de Grande ou Pequena? Descrita no decorrer desta monografia. A segunda temática está relacionada à Páscoa, uma data comemorativa em muitos países.

Escolhidas as temáticas e com o auxílio da mídia de áudio e vídeo foi criado um grupo de atividades encadeadas para sustentar o conceito de equilíbrio estudado por Piaget (1997).

Na construção dessa metodologia utilizamos uma sequência de atividades encadeadas como:

- a) Leitura de uma história;
- b) Releitura de imagens do livro realizada pelos alunos;
- c) Desenho e pintura;
- d) Manuseio da massinha de modelar;
- e) Expressão oral e corporal;
- f) Relatos dos alunos das atividades realizadas;
- g) Visualização e apreciação: instrumento avaliativo.

Fases pedagógicas do desenvolvimento da proposta de trabalho:

Primeira fase: Gravação de áudio e vídeo. Leitura de uma história.

**Imagem 01-: Leitura de uma história**



Fonte: autoria própria, 2015.



- Escolher uma história, um vídeo ou outro recurso é fundamental para atingir os objetivos propostos no plano de estudos ou no projeto de trabalho.
- Preparar o espaço físico de forma com que ele seja aconchegante e acolhedor.
- Trazer para o momento da Hora do Conto recursos visuais ou sonoros que possam estimular a criança quando estiver ouvindo a história.
- Apresentar o livro ou o outro recurso de forma clara e estimuladora acrescentando o título da história, nome do autor ou autora, o ilustrador ou ilustradora, editora, data e local da publicação.
- No caso de ser um texto, a leitura deve ser: Clara, pausada e apresentada a página que está sendo descrita para que os alunos possam visualizar e apreciar as imagens.
- As intervenções orais realizadas pelos alunos devem ser levadas em consideração pela professora, que fará o complemento e subsequente continuará a leitura retomando sempre que necessário os fatos anteriores com o objetivo de proporcionar a criança que ela estabeleça uma sequência lógica dos fatos.
- Após o término da leitura ou de outro recurso utilizado na Hora do Conto a professora deve sempre oportunizar um espaço para que as crianças verbalizem o que foi ouvido dando significação e realizando a organização mental do que foi assimilado.

Segunda fase: Gravação de áudio e vídeo. Releitura de imagens do livro realizadas pelos alunos.

**Imagem 02- Releitura de imagens do livro realizadas pelos alunos**



Fonte: autoria própria, 2015.

- Nesta fase deve ser oferecido aos alunos o manuseio do livro. Deixar com que eles explorem, observem, apreciem o objeto de sua aprendizagem.

- Num segundo momento a professora deve realizar alguns questionamentos sobre os fatos narrados pela autora ou autor instigando a linguagem oral dos alunos deixando que oralmente organizem as sequências dos fatos.

- Depois de realizada esta exploração de ideias a professora deve sugerir que os alunos realizem a releitura da história sempre com o material concreto em mãos, neste caso, o livro.

- Oportunizar que cada aluno tenha seu momento de releitura respeitando as possibilidades individuais.

- Em pequenos grupos existe uma releitura coletiva, pois enquanto um lê os outros complementam o que assimilaram. Nesse momento existe uma interação entre eles que proporciona individualmente a manifestação de conceitos já elaborados e assim, nessa interação constroem juntos a aculturação desses conceitos e de valores oriundos de suas vivências familiares. É fundamental que a professora esteja atenta ao contexto, pois quando se expressam sobre seu juízo de valores estão relatando as culturas de suas famílias, instrumento precioso para a elaboração de outras propostas que possam contribuir para o desenvolvimento desse ser único e coletivo ao mesmo tempo.

Terceira fase: Gravação de áudio e vídeo. Desenho e pintura.

**Imagem 03- Desenho e pintura**



Fonte: autoria própria, 2015.

- Nesta fase o aluno expressa através da arte sua compreensão do que viu e ouviu. Muitos recursos devem ser utilizados, dentre eles o desenho, este por sua vez considero o mais eficaz na reorganização da sequência dos fatos da história ou destaques do que foi assimilado e acomodado pelo aluno.

- A utilização das cores no desenho potencializa o ato da criação, pois ao colorir seu desenho o aluno busca recursos de sua memória visual ou simplesmente utiliza-se da cor que deseja.

- No desenho realizado pelo aluno recontando a história percebemos outras etapas do desenvolvimento, neste caso, o desenvolvimento psicomotor. Nele se constrói as noções de espaço e as relações espaciais.

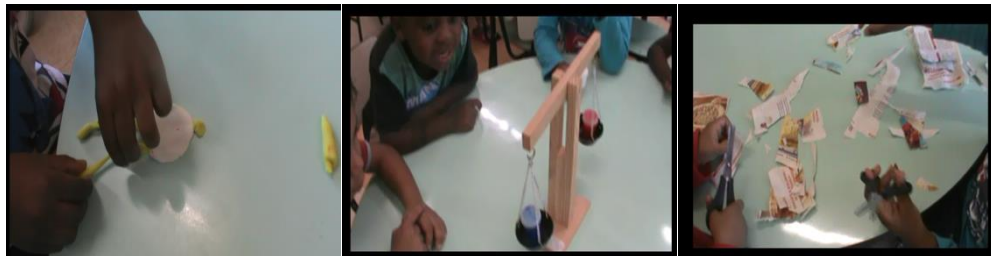
- O ato de desenhar ou colorir é considerado autoral mesmo estando relacionado a um tema específico.

- Questionar o aluno quanto ao seu desenho é fundamental, pois assim o professor estará proporcionando ao aluno um rico espaço de organização mental.

- Ao relatar o que desenhou o aluno tem a oportunidade de expressar-se oralmente contribuindo assim no desenvolvimento de sua linguagem e argumentação.

Quarta fase: Gravação de áudio e vídeo. Manuseio da massinha de modelar.

**Imagem 04- Manuseio da massinha de modelar**



Fonte: autoria própria, 2015.

- Nesta fase o aluno está diretamente relacionado com o concreto. Manipular, experimentar e organizar, são atividades que estabelecem relação corpo e mente exigindo do aluno a aplicação de seus esquemas mentais e suas estruturas simbólicas.

- Percebe-se nessa fase o ápice do imaginário. É o momento mágico de dar vida aos personagens ou elementos constituídos na história.

- Considerado como momento de descontração o uso da massa de modelar facilita a evolução do pensamento analógico e crítico, pois ao mesmo tempo em que o aluno cria suas formas ele exerce um comparativo entre as produções de seus colegas.

- Esse momento de comparação ocorre de maneira livre sem a intervenção da professora.

- É uma forma de consciência entre o “eu” e os outros. Destacando-se nessa fase as habilidades e competências de cada aluno.

- As relações pessoais e interpessoais aparecem de forma clara nesta atividade. Em pequenos grupos observa-se a necessidade da interação através da linguagem. O comparativo é verbalizado e internalizado, possibilitando ao aluno aperfeiçoar sua criação.

- A construção de conceitos é evidenciada nessa atividade por intervenção da interdisciplinaridade, pois várias áreas do conhecimento são utilizadas nesse momento.

- Nesse momento rico e produtivo a professora deve instigar o aluno a elaborar os conceitos previstos no projeto pedagógico de acordo com cada etapa do desenvolvimento infantil.

Quinta fase: Gravação de áudio e vídeo. Expressão oral e escrita.

**Imagem 05- Expressão oral e corporal**



Fonte: autoria própria, 2015.

- A expressão oral e corporal representa a acomodação dos conceitos assimilados nas fases anteriores. Ao representar os personagens da história o aluno demonstra com clareza sua compreensão e leitura de mundo. Suas vivências no âmbito familiar são acrescentadas no ato de interpretar.

- Momento fundamental para construir valores morais e sociais estabelecendo relações de juízo em relação ao comportamento do personagem e do intérprete, neste caso, o aluno.

- Brincar com esses conceitos é fundamental para a criança, pois é de forma lúdica que se aprende o que é correto ou não.

- A mudança do comportamento e o desenvolvimento da maturidade emocional são evidenciados nessa fase. Muitas vezes nas formas comparativas aparecem as frustrações

vivenciadas pelos alunos diante o comportamento do colega, mas é só através dessa ação que se desenvolve a maturidade do emocional.

- Utilizar recursos materiais como: vestimentas e acessórios são importantes nessa fase. Embora o “faz de conta” esteja presente à caracterização dos personagens fica mais próxima da realidade facilitando que o aluno ao interpretar possa desenvolver sua criatividade dando outras vivências ao personagem.

Sexta fase: Gravação de áudio e vídeo. Relatos das atividades pelos alunos.

**Imagem 06- Relatos dos alunos das atividades realizadas**



Fonte: autoria própria, 2015.

- Esta fase é caracterizada pela autonomia da criança. Nela o aluno já é capaz de descrever as atividades realizadas nas fases anteriores com riqueza de detalhes.

- Como o uso da mídia de áudio e vídeo está presente em todas as fases, nesta não seria diferente. Utilizando o microfone e a filmadora os alunos relatam as aulas anteriores. Uma forma de feedback positivo ou negativo de suas ações e construções até o momento.

- Com autonomia e protagonizando seus saberes já elaborados e acomodados, os alunos já conseguem compreender a sequência dos fatos. É uma tomada de consciência de sua ação no ato da descrição oral das aulas anteriores.

Sétima fase: Gravação de áudio e vídeo. Visualização e apreciação: instrumento avaliativo.

**Imagem 07- Visualização e apreciação: instrumento avaliativo**



Fonte: autoria própria, 2015.

- A sétima fase é considerada a última etapa dessa metodologia de trabalho, pois é a apreciação e avaliação do aluno das atividades realizadas utilizando o recurso dos vídeos produzidos durante todas as fases.

- Esta fase tem objetivo de avaliação e aprendizagem ao mesmo tempo. O aluno percebe-se como ator dentro das filmagens.

- Momento rico em que o aluno ao visualizar-se na televisão pode de forma avaliativa realizar uma análise de sua aprendizagem.

- Este instrumento de avaliação permite que o aluno tenha motivação para outra atividade com outra história, pois já conhece a sequência das atividades e estará mais atento ao novo que virá.

- O encadeamento das atividades proporciona ao aluno uma visão de suas ações nas atividades subsequentes da primeira, motivando-o para novas ações.

- Outro fator preponderante é a observação da professora quanto à evolução do desenvolvimento individual de seus alunos. Com este instrumento avaliativo a mesma pode pesquisar qual outro instrumento motivador apresentará que proporcione ao aluno a elaboração dos conceitos ainda não construídos ou se já construídos, a busca de novos conceitos criando assim, a evolução de um estágio de desenvolvimento ao subseqüente proposto por Piaget (1997).

Devemos observar a relevância e a importância de cada fase, pois na leitura de histórias, cabe escolher os assuntos pertinentes aos objetivos propostos no projeto pedagógico ou de algum assunto de interesse da turma. Destacamos a importância desse momento, pois é a partir da história que podemos executar as outras atividades encadeadas neste contexto interdisciplinar.

A releitura de imagens é o segundo passo desse trabalho, onde a criança tem a oportunidade de reconstruir a história contada pela professora, usando de seus esquemas mentais. Estabelece relações entre o que ouviu e sua percepção do que está vendo, criando assim um conteúdo associativo aos seus conceitos já assimilados em suas experiências vivenciadas anteriormente.

O desenho representa o ponto mais cognitivo, onde a criança recria a história organizando-a de forma mais elaborada, com a riqueza de detalhes e até mesmo incluindo novos elementos. Coloca a ordenação dos fatos, destacando o que tem maior significação para si mesmo. A diversificação das cores, a delimitação do espaço, as atividades de recorte e colagem auxiliam nesse estágio. Ousar e abusar da criatividade passa a ser a regra principal dessa atividade.

O manuseio da massa de modelar proporciona a criança, a liberação do imaginário. Criar formas ou personagens dessa história é trazer para o tempo presente o que foi experimentado no imaginário. Dar vida, forma e tridimensionalidade a esses elementos históricos é algo mágico e libertador.

Na dramatização da história temos a expressão oral e corporal, personificando o “eu” da criança na imagem dos personagens. Observa-se nesse momento que a criança ao interpretar determinado personagem, estabelece conceitos, podendo discernir de acordo com seus valores morais, o julgamento de determinadas ações apresentadas pelos personagens da história contada.

Na dança e no movimento é o momento de brincar com esse julgamento através do corpo, proporcionando a liberação dos conflitos internos, é um momento de acomodação do que foi assimilado durante este processo.

A última fase dessa metodologia se apresenta quando a criança consegue descrever todas as atividades anteriores já internalizadas. Com o uso do microfone protagoniza suas aprendizagens, representa papéis e é capaz de construir uma nova história diante da filmadora. Este estágio apresenta a maturação, o domínio da linguagem e a realização quanto pessoa nas interações com os outros.

Algo importante de se destacar nessa metodologia é que sempre deve haver um elemento surpresa, um objeto ou até mesmo outra pessoa fora do contexto de sala de aula, mas nunca deixar de executar nenhuma dessas atividades desencadeadas, pois estas são a chave para o sucesso desta proposta metodológica.

A utilização dos vídeos produzidos como instrumento de avaliação, visualização e apreciação com a turma será o Norte do que vamos: investigar, analisar e avaliar.



A escola escolhida para este estudo é uma das escolas de educação infantil, que tem como objetivo geral promover o desenvolvimento, respeitando a individualidade de cada aluno e buscando sua integração no contexto social.

Fundada em 2014, ainda está buscando junto ao grupo uma linha norteadora para seu trabalho, porém não deixa de primar por seus objetivos já citados, tendo consciência que uma linha pedagógica se faz necessária para o andamento das práticas pedagógicas e está se organizando para que isso ocorra o mais breve possível.

Os vídeos foram construídos e elaborados diversificando as atividades, porém com foco principal no encadeamento das atividades conforme a metodologia proposta, sendo que todos os pais dos alunos assinaram os termos de liberação dos direitos de imagem.



## 4 ANÁLISE DE DADOS

Para descrever as ações metodológicas utilizadas na pesquisa de campo vou descrever na primeira pessoa porque se trata de uma pesquisa-ação que eu como investigadora estive à frente do projeto.

No início das minhas práticas, como professora de educação infantil realizava um trabalho muito rico em propostas de atividades, no entanto percebia que estas eram produtivas, mas desconectadas proporcionando certa instabilidade no comportamento e envolvimento dos alunos na execução das mesmas.

Esta prática com o tempo passou a me instigar, este “fazer” já não satisfazia meus anseios, especialmente quando chegava o momento da avaliação, pois diante da ansiedade dos alunos com as atividades tornava-se quase que impossível estar atenta a todas as suas ações.

Na Hora do Conto eu não conseguia perceber todas as manifestações de meus alunos; seus comentários e seus questionamentos. Dados preciosos para o trabalho de uma professora. Muito se perdia...

Diante essa observação resolvi filmar a maioria das atividades para que posteriormente eu pudesse analisar os vídeos das aulas e só assim, visualizar a riqueza de cada momento.

Numa reflexão mais detalhada de minha prática e como aproveitar tudo o que ocorria em aula, senti a necessidade de organizar todo o contexto.

Nesta tomada de consciência, resolvi criar essa metodologia de encadeamento das atividades sustentadas com as mídias de áudio e vídeos.

Esta união entre a mídia-educação e minha metodologia de encadeamento das atividades vem contribuindo de forma significativa nas aprendizagens de meus alunos e para meu crescimento como profissional da educação.

No decorrer das análises do material de áudio e vídeo percebo e justifico o uso da mídia-educação como ferramenta pedagógica.

A Hora do Conto (texto de Meirelles “Grande ou pequena?”)

### VÍDEO 1 - <https://youtu.be/Dy8VO4q0pII>

Neste vídeo apresento o primeiro momento: estou realizando a leitura da história para meus alunos. Sentados ao redor da mesa ouvem e apreciam a história. Realizam intervenções fazendo comentários, questionando, argumentando e estabelecendo relações com seu cotidiano familiar.

Podemos observar que o momento da Hora do Conto possui certa magia que consegue centrar todas as atenções dos alunos.

Wallon (1995) descreve este estágio como personalismo, onde se desenvolve a construção da consciência de si mediante as interações sociais, reorientando o interesse das crianças pelas pessoas.

Neste caso o vínculo afetivo estabelecido entre a professora e seus alunos é fator predominante para que os valores apresentados pela autora da história possam ser assimilados pelas crianças.

A interação social surge de forma espontânea e prazerosa ao percebermos a participação ativa e interativa dos alunos.

Os conceitos de valores tornam-se âncoras para que eles estabeleçam correlações entre o que sua cultura familiar diz e o que os novos conceitos apresentados na história. Piaget vai nos dizer que temos uma assimilação num primeiro momento desses novos valores apresentados e posteriormente a acomodação dos mesmos.

Podemos perceber aqui que este momento se caracteriza pela aculturação, onde cada aluno interativo apropria-se das diversas culturas contidas nesse grupo.

### Releitura e protagonismo

### VÍDEO 02 – <https://youtu.be/MvWPrP8Hfgo>

Neste vídeo apresento o segundo momento da metodologia do encadeamento das atividades. Este é a releitura da história e leitura de imagens. Aqui temos as interações sociais onde a criança estabelece relações entre seu universo e o mundo da magia.

Ao analisarmos esse vídeo podemos nos reportar claramente para dois aspectos: A releitura da história e o protagonismo infantil.

No momento da releitura da história a aluna representa de forma clara o que viu e aprendeu diante sua observação das ações da professora.

Assume assim para si uma postura de protagonista interagindo com seus colegas de classe.

Podemos aqui descrever um pouco sobre o conceito de protagonismo infantil que envolve uma ideia distinta da infância e de sua participação como atuantes no meio social. O reconhecimento da criança como atores sociais requer que os reconheçamos como pessoas de direitos, critérios, capacidade e valores próprios o que resulta no crescimento e desenvolvimento pessoal e social diante desse processo.

Considerar a participação principal de crianças e adolescentes, não só implica em que possam expressar livremente opiniões, pensamentos, sentimentos e necessidades. Além disso, estes pontos de vista expressados devem ser levados em conta e influir nas decisões; significa ser envolvidos democraticamente por suas famílias, escola, governos locais, mídia, organismos governamentais e não-governamentais.

A criança autora e co-autora de seus processos de aprendizagens desenvolvem um potencial de liderança em seu meio. Proporcionar espaços onde essa criança possa desenvolver-se é dever do professor em sua prática diária. Todos somos protagonistas de nossa própria história pessoal no contexto universal. Fazemos história e somos a própria história contada daqui décadas.

Tema: Páscoa.

VÍDEO 03 - <https://youtu.be/56SJXzbd8Kw>

Nesse vídeo percebemos com clareza o significado da interdisciplinaridade e sua importância no contexto das aprendizagens. Iniciamos com um tema gerador nesse caso, a Páscoa. Todas as atividades executadas e apresentadas aqui estavam relacionadas ao tema, mas contudo não deixaram de fora nenhuma área do conhecimento. Temos aqui as ciências humanas e exatas articulando entre os objetivos do plano de aula. Os conteúdos e objetivos direcionados a educação infantil aparecem nas propostas de atividades da professora.

Podemos também perceber conteúdos mais específicos como: psicomotricidade ampla e fina, dramatização, expressão oral e escrita, etc.

Trabalhar de forma interdisciplinar abre uma gama de oportunidades para o professor e em especial para o aluno, pois lhe proporciona apresentar seus conhecimentos já adquiridos ao grupo, bem como apropriar-se de novos conceitos que surgem nessa interação cultural.

Tema: Grande ou pequena?

VÍDEO 4 - <https://youtu.be/ZhYG-HKMs7o>

Nessa atividade interdisciplinar podemos ver nos conceitos de grande e pequeno, as relações que se estabelesem entre as representações dos papéis sociais como: Mãe, professora, colega e o “eu”.

Diferentes propostas realizadas que estimularam a liberdade de expressão e a criatividade.

Surge dentro dessa atividade mais um exemplo de protagonismo infantil, onde alguns alunos se destacam com o uso de um microfone.

Os conteúdos relativos ao conhecimento específico como: Cores, pesos e medidas, desenho representativo aparecem de forma integrada no tema.

Consideramos aqui a importância do conceito de zona do desenvolvimento proximal, citado por Vygotsky em seus estudos, que consiste na troca de experiências entre os alunos proporcionando assim novos conhecimentos.

Nessa perspectiva o professor naturalmente deixa de ser visto como a única fonte do saber dentro da sala de aula. Mas não deixa de exercer seu papel como mediador na formação dos grupos onde se apresentam diferentes níveis de conhecimento. Um aluno menos experiente em determinado conteúdo sente-se desafiado por seu colega que domina melhor esse saber, e por outro lado o aluno mais experiente sente-se comprometido com o colega ampliando assim, suas habilidades e competências ao ajudar o colega.

Assim todos aprendem, inclusive o professor quando se dá conta de sua missão de conhecer os limites individuais de cada aluno e buscar alternativas para a conquista desse novo saber, que o aluno ainda não tem condições de executar nem com o auxílio do outro.

É de suma importância que o professor seja investigativo e pesquisador para que assim, avalie se os conhecimentos prévios exigidos para a execução de determinada tarefa já estão assimilados e acomodados pelo mesmo. Caso o aluno não obtenha esses pré-requisitos

torna-se dever do professor proporcionar a este aluno a aquisição desse conhecimento prévio ainda não acomodado.

Tema: Construção de conceitos

VÍDEO 5 - <https://youtu.be/1rrae-aahvg>

Esse vídeo apresenta uma diversidade de atividades relacionadas aos conteúdos formais e informais.

Desde o início da humanidade a criança, o brinquedo e o ato de brincar fazem parte da história ao longo dos tempos.

É através da brincadeira que a criança desenvolve a sociabilização, a interação e a sua relação com o outro.

No princípio o ato de brincar estava muito relacionado ao que Vygotsky denominava de imitação, pois as brincadeiras de antigamente estavam diretamente relacionadas com a imitação dos fazeres domésticos dos pais. As meninas brincavam de arrumar a casa e os meninos caçavam com estilingue animais com intuito de alimentar a família, fazendo o mesmo que o pai fazia.

Pouco se pensava na importância do ato de brincar, pois o conhecimento de si e de seu corpo era algo inexistente, partindo da concepção de que a criança, em épocas anteriores, era considerada como um adulto em miniatura.

Neste processo entra em cena a escola, foi nela e é através dela que se iniciaram os estudos referentes ao brincar.

Atualmente sabe-se que é através de atividades como o brincar que as crianças aprendem a usar o próprio corpo, descobrem coisas novas e como elas são, utilizando muitas vezes as representações de papéis. A partir de determinadas situações aprendem novas habilidades, descobrem suas dificuldades, limites, experimentam coisas diferentes, além das brincadeiras, o brinquedo é considerado um complemento imprescindível na formação da criança.

A brincadeira é algo que pertence à criança, através do brincar que a criança experimenta, organiza-se, regula-se, constrói normas para si e para o outro. Ela cria e recria, a cada nova brincadeira, o mundo que a cerca. O brincar é uma forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo, com outro e com o mundo.

Os jogos e brincadeiras vão possibilitando às crianças a experiência de buscar coerência e lógica nas suas ações, elas passam a pensar sobre suas ações nas brincadeiras, sobre o que falam e sentem, não só para que os outros possam compreendê-las, mas também para que continuem participando da brincadeira.

Partindo de algumas concepções teóricas podemos compreender que o conteúdo da brincadeira é fortemente afetivo, cognitivo e motor, a brincadeira pode estimular a aprendizagem nestes três domínios. A brincadeira pode ter um importante papel sociabilizador, que é o quarto domínio significativo.

As crianças usam a brincadeira como forma de desenvolver o autoconceito experimentando os papéis dos outros.

Tema: Família

VÍDEO 6 - <https://youtu.be/TH4ppAfqJjQ>

Esse vídeo em especial nos reporta a repensar os conceitos sobre o que é uma família nos dias de hoje?

Com o questionamento inicial da professora sobre o que é ser mãe a seus alunos e as respostas dadas pelos mesmos percebemos a visão que a criança tem do outro, como ela utiliza-se das ações desse para a construção de seu ser. É como eu me relaciono com os outros que assim construo minha imagem.

Perceber as questões afetivas envolvidas nessas atividades é de suma relevância. Lembrando que Wallon nos apresenta um ser que se desenvolve numa totalidade, mas que influenciada por seu potencial afetivo.

As representações simbólicas apresentadas pelos alunos mostram exatamente o princípio da imitação, onde a criança assume o papel do adulto de forma lúdica interagindo assim com os outros.

Com a utilização da linguagem o aluno expressa falas significativas que são nada mais do que as falas dirigidas a ela em seu ambiente familiar. Muitas delas associadas a expressão corporal sinaliza como essa criança se vê e se percebe dentro do contexto familiar.

Nem tudo que é representado foi vivenciado. Muitas vezes essas representações podem estar relacionadas aos modelos afetivos presenciados pela criança. Minha mãe pode

não ser o que eu represento, mas sem dúvida o que eu represento é o modelo afetivo construído em meu desenvolvimento.

Saber discernir essas representações não é uma tarefa nada fácil para um professor. Contudo um olhar atento e uma pesquisa investigativa pode fazer com que o olhar desse professor mude em relação a determinados comportamentos agressivos apresentados em sala de aula.

Compreender o outro em sua totalidade e respeitar seus limites maturacionais constitui uma sincronia no ato de ensinar e aprender ou de aprender para ensinar.

Tema: Conquistando o universo das mídias

VÍDEO 7 - <https://youtu.be/mkh931-YqNE>

Com certeza absoluta esse vídeo é o mais gratificante de toda essa pesquisa, pois nele podemos apreciar a autonomia que decorreu diante toda uma caminhada de produções.

Partindo desde a organização e as falas tudo foi de autoria dos alunos. Posicionaram-se em meio círculo e as alunas apresentaram aos seus colegas as atividades realizadas na aula anterior.

Sem nenhuma fala ensaiada ou algum papel definido pela professora. Tudo produção do grupo.

Percebemos também que o incentivo do uso da filmadora foi apropriado por uma das alunas que aparece sentada. Ela em sua representação simbólica executa a filmagem das colegas que estão em pé articulando e interagindo com o restante da turma.

Temos aqui a união de todas as teorias apresentadas comprovando e sustentando a prática de sala de aula.

Consideramos que esse vídeo, pode servir de modelo, de que o uso da mídia em sala de aula é um recurso pedagógico que contribui no desenvolvimento dos alunos.

Visualização e apreciação: instrumento avaliativo

VÍDEO 8- Documentário: <https://youtu.be/pExexGrPx2w>

Este documentário tem por objetivo apresentar todas as fases da metodologia proposta na pesquisa-ação e principalmente a função de instrumento avaliativo.

Justifica-se aqui a importância do encadeamento das atividades, a interdisciplinaridade dos conteúdos e o uso da ferramenta de mídia-educação. A coletividade desses mecanismos proporciona aos alunos e professora uma dinâmica e eficácia nos processos de aprendizagens escolares.

Descritas as fases anteriormente posso deter-me nas análises das falas significativas dos alunos que aparecem nas entrevistas.

**Imagem 08- Entrevista com o aluno D**



Fonte: autoria própria, 2015.

O aluno D expressa a seguinte fala ao ser questionado se gostaria de mostrar esse documentário para sua família em sua casa: “ Sim, porque ela tem tv em casa”.

Esta fala nos traz a realidade e o contexto da maioria das famílias em relação aos recursos de mídia em seus lares. O acesso as redes sociais, televisão, computadores e celulares são comuns dentro das casas.

Ao contrário do contexto escolar que por muitas vezes não possui ou não utiliza-se desses recursos para tornar a sala de aula um espaço atualizado em relação a casa.

O aluno quando questionado se gosta de visualizar-se na televisão e que é o artista, usa a seguinte expressão: “yes”. Uma linguagem estrangeira que está inserida em sua linguagem consequentemente oriunda de suas interações com as mídias. Este “sim” associado à expressão corporal do aluno no momento de sua resposta, justifica os pressupostos desta pesquisa.



**Imagem 09- Entrevista com o aluno G**

Fonte: autoria própria, 2015.

O aluno G ao ser questionado sobre o que havia gostado mais dentre as atividades realizadas relata que: “ Gosto de filmar”. “Uso a câmera”. Aqui percebemos uma autonomia e domínio desse aluno no uso das mídias de áudio e vídeo. O aluno ao responder demonstra contentamento e segurança na ação. Sabe que já não é mais uma brincadeira e sim uma ação consciente de resultados positivos posteriormente. Isso demonstra outros esquemas estruturais mais amadurecidos diante as aprendizagens.

**Imagem 10- Entrevista com o aluno MG**

Fonte: autoria própria, 2015.

O aluno MG ao ser questionado sobre seus gostos das atividades destaca em sua fala o seguinte: “Cantar e usar o microfone”. Importante relatar aqui que este aluno possuía certa inibição ao falar. Tinha muita dificuldade de verbalizar o que estava pensando, mesmo quando estava interagindo com seus colegas. Considero aqui uma grande conquista desta criança, pois através dos recursos de mídia sentiu-se seguro para externalizar suas emoções.

**Imagem 11- Entrevista com o aluno MM**

Fonte: autoria própria, 2015.

O aluno MM quando questionado sobre o que gostou mais durante as fases dessa proposta respondeu o seguinte: “Gostei da Grande e pequena”.

Demonstra muita segurança em sua resposta com domínio da sequência das atividades e do encadeamento das mesmas.

Fica muito claro aqui sua alegria ao falar ao microfone e de visualizar-se no vídeo apresentado aos alunos.

Sua interação com a proposta pedagógica está instigando sua autonomia entre o grupo.

**Imagem 12- Entrevista com o aluno MR**



Fonte: autoria própria, 2015.

O aluno MR em sua fala significativa destaca com clareza sua acomodação de conceitos, pois estabelece relações entre si e o objeto: “Sou grande porque já alcanço no alto da estante”.

Percebe-se aqui os conceitos já internalizados pelo aluno, o que nos mostra a eficácia do encadeamento das atividades como facilitadora das aprendizagens significativas.

Este aluno está completamente seguro diante a filmadora tendo consciência de si e dos outros colegas.

Sua fala significativa apresenta a capacidade do aluno de estabelecer relações entre si e seu universo.

**Imagem 13- Entrevista com o aluno W**



Fonte: autoria própria, 2015.

O aluno W destaca em sua fala significativa, seu gosto pela atividade de “pensar” e de “brincar na pracinha”.

Nesta avaliação o aluno demonstra sua satisfação na realização das atividades dentro e fora de sala de aula.

Já apresenta uma elaboração de conceitos relacionada com todo o contexto.

Este aluno apresentava uma inibição ao expressar-se oralmente. O que justifica sua evolução de sua linguagem com os recursos de áudio e vídeo.

Percebe-se como um ser interativo nas atividades facilitando sua relação com os outros colegas e assim, seu desenvolvimento cognitivo, psicomotor e afetivo.

## 5 CONCLUSÃO

Considerando o universo da mídia-educação, o encadeamento das atividades, o desenvolvimento humano e as diferentes formas de aprendizagens, buscamos nessa pesquisa comprovar a eficácia da mídia como recurso pedagógico. As práticas de sala de aula necessitam sempre do uso de novas propostas, com a finalidade de dinamizar o trabalho do professor tornando-o atrativo e desafiador.

Uma das questões mais relevantes durante o curso em mídias na educação e muito discutida em sala de aula, era como utilizar o universo das mídias disponíveis na sociedade dentro das práticas pedagógicas. Esse questionamento me fez refletir minha prática quanto professora. Unir meus novos conhecimentos do curso e o meu fazer cotidiano fez com que resolvesse pôr em ação essa pesquisa.

Criei uma proposta pedagógica fundamentada no encadeamento das atividades e utilizando as ferramentas de áudio e vídeo em cada fase dessa metodologia. Esta ideia foi norteadora da minha pesquisa-ação a qual é resultante de um trabalho gratificante e enriquecedor.

Quando pensamos em aprendizagens significativas devemos pensar exatamente naqueles conhecimentos adquiridos de forma marcante e lúdica. Numa sociedade de diferentes culturas e níveis sociais, oportunizar um espaço onde a troca desses fatores possam juntar-se a uma só construção, tornou-se um desafio. Fazer uso da tecnologia sem um objetivo claro e preciso seria apenas mais um objeto pedagógico dentro do espaço escolar.

Ao apropriar-me das teorias do desenvolvimento humano pude compreender um pouco mais sobre determinados comportamentos oriundos de minha turma. Unindo estes conhecimentos com os que fui adquirindo ao longo de meu curso, resolvi realizar essa pesquisa. Um início um tanto tímido, pois buscava estabelecer relações entre esses dois conceitos: A mídia e o desenvolvimento humano.

As primeiras filmagens foram com o objetivo de acostumar meus alunos com a filmadora, buscando a participação deles. Observei que muitos deles interagem com naturalidade, outros, um tanto tímidos desviavam o olhar. Aos poucos fui percebendo que toda a desordem de sala de aula começava a tomar uma forma mais organizada.

A primeira conquista com essa pesquisa foi que espontaneamente os alunos foram mudando sua conduta. Passaram a organizar-se melhor, formando círculos, fazendo questionamentos e interagindo com a história. Essa conquista trouxe a certeza que eu andava na direção certa de meu objetivo principal, pois em outros momentos que a filmadora não estava em uso, os alunos mantinham a mesma postura de quando sabiam que estavam sendo filmados.

Ao longo da pesquisa fui tomando consciência que outros conceitos surgiam como: A interação social, a articulação da linguagem, a dramatização, a imitação e principalmente a troca de aprendizagens entre os alunos. Todos esses conceitos apresentados nas ações de meus alunos só contribuíram para minha motivação de seguir com minha proposta. Com a ideia de organizar e mediar esses conhecimentos surge-me o conceito da criança em sua totalidade, ativo em suas funções motoras, psíquicas e afetivas. Esse conceito motivador impulsionou-me a observar melhor meus alunos diante suas produções, comportamentos e interações.

As filmagens associadas a Hora do Conto e aos conteúdos a serem desenvolvidos estabeleceram uma correlação entre o universo da sala de aula. Nas últimas pesquisas realizadas com o uso da filmadora e as aprendizagens já adquiridas por todos, deparei-me com um novo conceito: O protagonismo infantil, onde meus alunos assumiram o papel de protagonistas, autores e co-autores de suas aprendizagens. Restava agora mediar essas ações.

O trabalho de pesquisa-ação proporcionou-me um crescimento pessoal e profissional. Tomar consciência da importância do meu fazer e de todas as possibilidades que as mídias oferecem como recurso pedagógico, tornou-me uma profissional mais capacitada, despertando assim, a curiosidade de experimentar novos recursos de mídias. Trabalhar com o encadeamento das atividades, unir várias áreas do conhecimento partindo de um tema gerador e integrar diferentes conceitos foi uma das ações mais significativas dessa pesquisa .

As contribuições dessa proposta pedagógica vai além de uma prática. Os resultados adquiridos na ação dos alunos é visível na análise dos vídeos realizados durante esta pesquisa. Outro fator relevante e significativo foi o uso dessa ferramenta para a avaliação individual dos alunos. Perceber o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor da turma tornou-se meu foco a partir dessa proposta pedagógica.

Dividir com meus colegas e direção da escola todas as descobertas que fiz durante a pesquisa foi uma alegria. Aos poucos mostrei que o trabalho na escola pode sim ficar mais dinâmico, prazeroso e instigante com o uso das mídias na prática em sala de aula.

Minha proposta de trabalho para a escola, que me oportunizou este espaço para que pudesse realizar minha pesquisa, é que diante da minha comprovação da contribuição da

mídia-educação, o encadeamento das atividades e a interdisciplinaridade nos processos de aprendizagens é de que: Junto com minhas colegas e equipe diretiva podemos tomar como referência pedagógica esta pesquisa. Propondo no plano pedagógico o encadeamento das atividades com o recurso de áudio e vídeo nas práticas de cada professor integrante dessa escola.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Por uma arte de contar histórias. Fazendo Arte.** Rio de Janeiro: 1984.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices.** São Paulo: Scipione 1993.

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva.** São Paulo: Cortez, 2010.

ALMEIDA, M.E.B. de. **Educação à Distância na Internet: Abordagens e Contribuições dos Ambientes Digitais de Aprendizagem.** Educ. Pesqui. Vol. 29 n° 2 São Paulo July/Dec. 2007. Disponível em: <https://www.ufpe.br/nehte/simposio2008/anais/Etiane-Valentim-e-Fatima-Cruz.pdf>. Consultado em: 28 de Junho 2015.

ARANTES, Priscila. **@rte e mídia: perspectivas da estética digital.** São Paulo: Ed. SENAC, São Paulo, 2005.

AZEVEDO, Ricardo. **in Caminhos para a formação do leitor.** São Paulo, DCL, 2004.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura.** São Paulo: Ática, 1988.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar – pequenos segredos da narrativa.** Petrópolis: Vozes, 2003.

CARRIER, Jean Pierre. **Le Multimédia éducatif - Quels dispositifs pour quels apprentissages?, Caen** - Premières rencontres inter-iufm, 23 mars 2000.

CASTELLS, Manuel. **Novas Perspectivas Críticas em Educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. Trad. Juan Acuña

CHAVES, Otília O. **A arte de contar histórias.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1963.

CHEOLA, Maria Laura Van Boekel. **Quem conta um conto.** In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de & MENDONÇA, Rosa Helena. (Org.) **Práticas de leitura e escrita.** Brasília: Ministério da Educação, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil – Teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DAVIS, Claudia, SILVA, Maria Alice Setúbal, ESPÓSITO, Yara. **Papel e Valor das Interações**. Caderno de Pesquisa, São Paulo, n.71, p. 49-54, nov. 1989.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo. Perspectiva, 1998.

FERRONATO, Ana Maria. **A hora do conto**. *Revista Integração*, Canoas, 15(44) :29-33, out./nov. 1986

FONTANA, Roseli Aparecida Cação. **Mediação pedagógica na sala de aula**. São Paulo: autores associados, 1996.

GOULART, Íris Barbosa. **A educação na perspectiva construtivista: reflexões de uma equipe interdisciplinar**. Petrópolis, Rj, Vozes, 1999.

GRANDI, Cleci, LIMA, Lidia; SCHNEIDER, Tamara. **Projeto de estudo de usuário**. Porto Alegre, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. 1987, p.31. Trabalho da Disciplina de Estudo de Comunidade e Usuários do Curso de Especialização em Bibliotecas Públicas e Escolares.

ISENHARDT, Kathleen Marie. **Building theories from case study research**. *The Academy of Management Review*. v. 14, n. 4, p. 532-550, oct. 1989

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Ed. Aleph, p. 45, 2008.

JUNG, Carlos Fernando. **Metodologia Científica: Ênfase em Pesquisa Tecnológica**. 3ª Edição Revisada e Ampliada. 2003. Disponível em: [http://www.unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/metodologia\\_cientifica....pdf](http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/metodologia_cientifica....pdf). Consultado em: 28 de Junho 2015.

KUMAR, Krishan. **Da Sociedade Pós-industrial à Pós-moderna: Novas Teorias Sobre o Mundo Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997. (Trad. Ruy Jungmann)

LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LÉVY, Pierre. **O Que é Virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**. São Paulo: Editora 34, p.04, 1995.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, p. 105, 1999.

LIESEN, Mauricio. **Navegando na ciberarte: notas sobre arte e imaginário na contemporaneidade**. Em CAOS, revista eletrônica de Ciências Sociais, n. 8, p. 71 –94, março 2005. Disponível em: [www.cchla.ufpb.br/caos/mauricioliesen.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/caos/mauricioliesen.pdf). Consultado em: 28 de Junho 2015.



- MACHADO, Ana Maria. **Contracorrente. Conversa sobre Leitura e Política.** São Paulo. Ática, 1999.
- MASETTO, Marco Tarciso., & BEHRENS, Maria Aparecida. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.** Campinas (SP): Papirus, 2000.
- MEIRELLES, Beatriz. **Grande ou Pequena?** São Paulo: Scipione, 2001.
- MESERANI, Samir. **O Intertexto escolar, sobre leitura, aula e redação.** São Paulo: Cortez, 1995.
- MORAN, José Manuel. **Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias Audiovisuais e Telemáticas.** In: MORAN, José Manuel.; MASETTO, Marco Tarciso.; BEHRENS, Maria Aparecida. *A Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.* Campinas (SP): Papirus, 2000.
- NEIVA, Eduardo. **O que aprender com as Antigas Catástrofes: comunicação, técnica e sociedade.** Editora Ática. São Paulo, 1996.
- PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artemed, 2000.
- PIAGET, Jean. **A Psicologia da Criança.** Lisboa: Asa, 1997.
- RIGO, Sandro José. Projeto de interfaces: **Uma introdução ao projeto e a avaliação de interfaces.** São Leopoldo, Rs. Ed. Unisinos, 2013.
- ROBBINS, Stephen Paul. **Comportamento Organizacional.** São Paulo: Pearson. 2005.
- SANDRONI, Laura e MACHADO, Raul. **A criança e o livro: guia pratico de estímulo a leitura.** São Paulo: Ática, 1991.
- SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003.
- SIBILIA, Paula. **O Show do Eu – a intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008
- SILVA, Maria Betty Coelho. **Contar história: uma arte sem idade.** São Paulo: Ática, 1990.
- SISTO, Celso. **Textos e Pretextos sobre a Arte de Contar Histórias.** Chapecó (SC): Argos, 2001.
- TIM, Márcia. **Como ensinar a seu filho que ler é um prazer.** São Paulo (SP): Editora Abril. 2013. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/>>. Consultado em: 28 de Junho 2015.
- VERÍSSIMO, José. **Que é literatura? e outros escritos.** Rio de Janeiro: Garnier, 1907.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1995.

## ANEXO

### AUTORIZAÇÃO

Eu \_\_\_\_\_, portador(a)  
do RG nº \_\_\_\_\_, responsável legal pelo(a)  
menor \_\_\_\_\_,  
autorizo a gravação em vídeo da imagem e depoimentos do(a) menor  
supracitado(a), bem como a veiculação de sua imagem e depoimentos nas  
redes sociais, blog, site, youtube e mural desta Entidade. Fica ainda autorizada,  
de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, à cessão de direitos da  
veiculação das imagens e depoimentos do(a) menor supracitado(a), não  
recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Assinatura do responsável: \_\_\_\_\_